RESUMO EXPANDIDO - III. PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA ÀS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E ASSISTENCIAIS

DÚVIDAS E DESINFORMAÇÕES SOBRE QUIMIOTERAPIA EM CONTEÚDOS ONLINE: UM ESTUDO DESCRITIVO

Milena Beatriz Silva Dos Santos (milenabeatrizssantos@gmail.com)

Jean Morais Da Silva (jmorais@hcrp.usp.br)

Júlia Gasperini (jgasperini@hcrp.usp.br)

Isabella Souza Fiorante (isfiorante@hcrp.usp.br)

Thais De Oliveira Gozzo (thaisog@eerp.usp.br)

Introdução: O câncer configura-se como um relevante problema de saúde pública mundial, cuja complexidade terapêutica demanda não apenas terapia especializada, mas informação

qualificada e acessível (1). A quimioterapia, uma das principais modalidades de tratamento oncológico, permanece cercada por dúvidas, mitos e desinformações, o que compromete a adesão e a segurança do cuidado (1,2). Nesse contexto, a internet consolidou-se como uma das principais fontes de busca de informações em saúde, sendo amplamente utilizada por

pacientes oncológicos para esclarecer dúvidas sobre diagnóstico, tratamento e efeitos adversos. Embora seja a principal fonte de busca dos pacientes para entender diagnósticos e eventos adversos, a rede apresenta informações heterogênea e frequentemente, inadequadas.

Estudos (1) evidenciaram que uma parcela expressiva do conteúdo online é classificada como perigosas ou sem respaldo clínico, fomentando a desinformação. A disseminação de desinformação em plataformas digitais, impacta diretamente a prevenção, o diagnóstico

precoce e a adesão ao tratamento. É fundamental identificar as principais dúvidas e mitos que circulam no ambiente digital (3,4). O que permite que profissionais da saúde criem

estratégias educativas, baseada em evidências, para combater a infodemia e fortalecer a autonomia e a segurança dos pacientes no processo terapêutico.

Objetivo: Analisar as perguntas mais frequentes sobre quimioterapia que circulam em conteúdos online.

Método: Estudo descritivo baseado na análise de conteúdo de questionamentos disponíveis em ambiente digital. A coleta de dados ocorreu em abril de 2026, utilizando o buscador Google, selecionado por ser uma das principais ferramentas de busca de informações em saúde pela população (3). Para garantir a neutralidade dos resultados e evitar viés de algoritmos de busca personalizadas, as consultas foram realizadas por meio de janelas de navegação anônima. As estratégias de busca foram baseadas em termos-chave relacionados à quimioterapia.

Foram coletadas interrogações geradas pela função de preenchimento automático (autocomplete) do buscador, a partir de prefixos indutores como “Quem faz quimioterapia”, “A quimioterapia”, “Estou começando quimioterapia e”, “A quimioterapia é mais” e “A

quimioterapia pode”. A amostra foi limitada às primeiras 61 perguntas; foram excluídos

questionamentos de complexidade técnica, claramente formulados por profissionais da área da saúde, bem como conteúdos desconexos ao contexto da quimioterapia, resultando em 49 perguntas. O corpus resultante foi submetido à análise temática de conteúdo.

Resultados: A análise dos dados permitiu identificar e agrupar as perguntas em seis categorias temáticas, sendo essas: eventos adversos; imunidade; alimentação; quimioterápicos; tratamento; cotidiano. O predomínio de questionamentos sobre os eventos adversos (42,86%) revela que as preocupações centrais dos usuários se concentram nas repercussões físicas e simbólicas do tratamento. Temas como alopécia, alterações de peso e distúrbio de visão, sinalizam que as transformações corporais são o ponto focal de quem busca informações sobre quimioterapia. As dúvidas relacionadas ao tratamento (20,41%) e aos agentes quimioterápicos (14,28%) indicam uma busca por letramento em saúde. Esse dado sugere que a complexidade do tema, somado à dificuldade de acesso a conteúdo online confiáveis impõe barreiras no conhecimento do paciente. Nessas categorias, identificou-se mitos, como a percepção equivocada de que a coloração da solução quimioterápica esteja associada a agressividade do tratamento. Os questionamentos sobre alimentação (10,2%) e mudanças no cotidiano evidenciam incertezas sobre a adaptação de novos hábitos durante o tratamento. Apesar da relevância clínica da imunidade no manejo do risco de infecção, esta apresentou baixa frequência (2,04%). Essa informação pode indicar desconhecimento sobre a imunossupressão ou a dificuldade de relaciona-la ao tratamento, o que reforça a necessidade de uma abordagem proativa da equipe multiprofissional. A maioria das interações correspondeu a dúvidas reais (55,1%), confirmando o papel da rede como fonte de busca por informação em saúde. Contudo, a incidência de mitos (24,49%) alerta para o impacto da desinformação na continuidade do cuidado. Somado a isso, os questionamentos acerca de medos e percepções (20,41%), como agressividade da quimioterapia, risco de morte e comparações com a radioterapia, indicam que o ambiente digital influência nos aspectos psicossociais, intensificando a incerteza e ansiedade frente ao tratamento.

Conclusão: Diante desses achados, evidencia-se lacunas importantes no letramento em saúde e a disseminação de desinformação demandam

estratégias educativas mais incisivas. Nesse cenário, a enfermagem assume o protagonismo, sendo essencial na implementação de intervenções que promovam a compreensão, a segurança e a adesão ao tratamento pelo paciente oncológico.

Palavras-chave: Quimioterapia; Desinformação em saúde; Educação em saúde; Internet.

Referências

1. Silva MJS, Lima FLT, Rodrigues AR. Prevenção e controle do câncer em tempos de capitalismo de vigilância: caminhos para o combate à desinformação. Rev Bras Cancerol. 2025;71(1). doi: 10.32635/2176-9745.RBC.2025v71n1.4829

2. Moretti FA, Oliveira VE, Silva EMK. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? Rev Assoc Med Bras. 2012;58(6):650–8. doi: 10.1590/S0104-42302012000600010

3. Ferraris G, Monzani D, Coppini V, Conti L, Pizzoli SFM, Grasso R, et al. Barriers to and facilitators of online health information-seeking behaviours among cancer patients: a systematic review. Digit Health. 2023;9:1–15. doi: 10.1177/20552076231210663

4. Huijgens F, Kwakman P, Hillen M, van Weert J, Jaspers M, Smets E, et al. How patients with cancer use the internet to search for health information: scenario-based think-aloud study. J Med Internet Res. 2025;27:e59625. doi: 10.2196/59625

Doubts and misinformation about chemotherapy in online content: a descriptive study

Introduction: Cancer constitutes a significant global public health problem whose therapeutic complexity requires not only specialized treatment but also qualified and accessible information (1). Chemotherapy, one of the main modalities of cancer treatment, remains surrounded by doubts, myths, and misinformation, which compromise treatment adherence and patient safety (1,2). In this context, the Internet has become one of the main sources of health information and is widely used by cancer patients to clarify questions regarding diagnosis, treatment, and adverse effects. Although it is the primary source patients use to understand diagnoses and adverse events, the Internet provides heterogeneous and often

inadequate information. Studies (1) have shown that a significant portion of online content is classified as dangerous or lacking clinical support, thereby fostering misinformation. The dissemination of misinformation on digital platforms directly impacts prevention, early diagnosis, and treatment adherence. Identifying the main questions and myths circulating in the digital environment is essential (3,4). This enables healthcare professionals to develop evidence-based educational strategies to combat the infodemic and strengthen patient autonomy and safety throughout the therapeutic process.

Objective: To analyze the most frequent questions about chemotherapy circulating in online content.

Method: Descriptive study based on content analysis of questions available in the digital environment. Data collection took place in April 2026 using Google, selected as one of the main health information search tools used by the population (3). To ensure neutrality and avoid bias from personalized search algorithms, queries were performed using anonymous browsing windows. Search strategies were based on key terms related to chemotherapy. Questions generated by the autocomplete function were collected using inductive prefixes such as "Who undergoes chemotherapy," "Chemotherapy," "I am starting chemotherapy and,"Chemotherapy is more," and "Chemotherapy can." The sample was limited to the first 61 questions; technically complex questions clearly formulated by health professionals and content unrelated to chemotherapy were excluded, resulting in 49 questions for analysis. The resulting corpus was submitted to thematic content analysis.

Results: Data analysis enabled the identification and grouping of questions into six thematic categories: adverse events, immunity, nutrition, chemotherapeutic agents, treatment, and daily life. The predominance of questions regarding adverse events (42.86%) reveals that users' primary concerns are focused on the physical and symbolic repercussions of treatment.

Topics such as alopecia, weight changes, and visual disturbances indicate that bodily changes are the main focus of individuals seeking information about chemotherapy. Questions related to treatment (20.41%) and chemotherapeutic agents (14.28%) indicate a search for health literacy. This finding suggests that the complexity of the subject, combined with difficulties in accessing reliable online content, creates barriers to patient understanding. Within these categories, myths were identified, such as the misconception that the color of a chemotherapy solution is associated with the aggressiveness of treatment. Questions concerning nutrition (10.2%) and changes in daily life reflect

uncertainties regarding the adoption of new habits during treatment. Despite the clinical relevance of immunity in managing the risk of infection, this category showed a low frequency (2.04%). This finding may indicate a lack of awareness of immunosuppression or difficulty in associating it with treatment, reinforcing the need for a proactive approach by the multidisciplinary healthcare team. Most interactions corresponded to genuine information-seeking questions (55.1%), confirming the role of the Internet as a source of health information. However, the prevalence of myths (24.49%) highlights the impact of misinformation on continuity of care. In addition, questions related to fears and perceptions (20.41%), such as the aggressiveness of chemotherapy, the risk of death, and comparisons with radiotherapy, suggest that the digital environment influences psychosocial aspects, intensifying uncertainty and anxiety regarding treatment.

Conclusion: In light of these findings, important gaps in health literacy are evident, and the dissemination of misinformation demands more robust educational strategies. In this context, nursing plays a leading role and is essential in implementing interventions that promote understanding, safety, and adherence to treatment among cancer patients.

Keywords: Chemotherapy; Health misinformation; Health education; Internet.

References

1. Silva MJS, Lima FLT, Rodrigues AR. Prevenção e controle do câncer em tempos de capitalismo de vigilância: caminhos para o combate à desinformação. Rev Bras Cancerol. 2025;71(1). doi: 10.32635/2176-9745.RBC.2025v71n1.4829

2. Moretti FA, Oliveira VE, Silva EMK. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? Rev Assoc Med Bras. 2012;58(6):650–8. doi: 10.1590/S0104-42302012000600010

3. Ferraris G, Monzani D, Coppini V, Conti L, Pizzoli SFM, Grasso R, et al. Barriers to and facilitators of online health information-seeking behaviours among cancer patients: a systematic review. Digit Health. 2023;9:1–15. doi: 10.1177/20552076231210663

4. Huijgens F, Kwakman P, Hillen M, van Weert J, Jaspers M, Smets E, et al. How patients with cancer use the internet to search for health information: scenario-based think-aloud study. J Med Internet Res. 2025;27:e59625. doi: 10.2196/59625

Dudas y desinformación sobre quimioterapia en contenidos en línea: un estudio descriptivo

Introducción: El cáncer constituye un importante problema de salud pública mundial cuya complejidad terapéutica exige no solo un tratamiento especializado, sino también información calificada y accesible (1). La quimioterapia, una de las principales modalidades de tratamiento oncológico,

continúa rodeada de dudas, mitos y desinformación, lo que compromete la adherencia al tratamiento y la seguridad del paciente (1,2). En este contexto, Internet se ha consolidado como una de las principales fuentes de búsqueda de información en salud y es ampliamente utilizada por pacientes oncológicos para aclarar dudas sobre el diagnóstico, el tratamiento y los efectos adversos. Aunque es la principal fuente de consulta para comprender diagnósticos y eventos adversos, la red ofrece información heterogénea y, con frecuencia, inadecuada. Estudios (1) han demostrado que una proporción significativa del contenido en línea se clasifica como peligroso o carente de respaldo clínico, favoreciendo la desinformación. La difusión de desinformación en plataformas digitales impacta directamente en la prevención, el diagnóstico precoz y la adherencia al tratamiento. Es fundamental identificar las principales dudas y mitos que circulan en el entorno digital (3,4). Esto permite que los profesionales de la salud desarrollen estrategias educativas basadas en la evidencia para combatir la infodemia y fortalecer la autonomía y la seguridad de los pacientes durante el proceso terapéutico.

Objetivo: Analizar las preguntas más frecuentes sobre quimioterapia que circulan en contenidos en línea.

Método: Estudio descriptivo basado en el análisis de contenido de cuestionamientos disponibles en el entorno digital. La recolección de datos ocurrió en abril de 2026, utilizando el buscador Google, seleccionado por ser una de las principales herramientas de búsqueda de información en salud por la población (3). Para garantizar la neutralidad de los resultados y evitar el sesgo de algoritmos de búsqueda personalizados, las consultas fueron realizadas mediante ventanas de navegación anónima. Las estrategias de búsqueda se basaron en términos clave relacionados con la quimioterapia. Se recolectaron interrogaciones generadas por la función de autocompletado del buscador, a

partir de prefijos inductores como "Quién hace quimioterapia", "La quimioterapia", "Estoy comenzando quimioterapia y", "La quimioterapia es más" y "La quimioterapia puede". La muestra se limitó a las primeras 61 preguntas; se excluyeron cuestionamientos de complejidad técnica claramente formulados por profesionales del área de la salud, así como contenidos desconectados del contexto de la quimioterapia, resultando en 49 preguntas para análisis. El corpus resultante fue sometido al análisis temático de contenido.

Resultados: El análisis de los datos permitió identificar y agrupar las preguntas en seis categorías temáticas: eventos adversos, inmunidad, alimentación, agentes quimioterapéuticos, tratamiento y vida cotidiana. El predominio de preguntas sobre los eventos adversos (42,86%) revela que las principales preocupaciones de los usuarios se centran en las repercusiones físicas y simbólicas del tratamiento. Temas como la alopecia, los cambios de peso y las alteraciones visuales indican que las transformaciones corporales constituyen el principal foco de quienes buscan información sobre la quimioterapia. Las preguntas relacionadas con el tratamiento (20,41 %) y los agentes quimioterapéuticos (14,28 %) reflejan una búsqueda de alfabetización en salud. Este hallazgo sugiere que la complejidad del tema, sumada a las dificultades para acceder a contenido confiable en línea, genera barreras para la comprensión del paciente. En estas categorías se identificaron mitos, como la creencia errónea de que el color de la solución quimioterapéutica está asociado con la agresividad del tratamiento. Las preguntas sobre alimentación (10,2 %) y cambios en la vida cotidiana ponen de manifiesto incertidumbres relacionadas con la adaptación a nuevos hábitos durante el tratamiento. A pesar de la relevancia clínica de la inmunidad en el manejo del riesgo de infección, esta categoría presentó una baja frecuencia (2,04 %). Este hallazgo puede indicar desconocimiento acerca de la inmunosupresión o dificultades para relacionarla con el tratamiento, lo que refuerza la necesidad de un enfoque proactivo por parte del equipo multidisciplinario de salud. La mayoría de las interacciones correspondieron a preguntas genuinas en busca de información (55,1 %), lo que

confirma el papel de Internet como fuente de información en salud. Sin embargo, la prevalencia de mitos (24,49 %) pone de relieve el impacto de la desinformación en la continuidad de la atención. Además, las preguntas relacionadas con miedos y percepciones (20,41 %), como la agresividad de la quimioterapia, el riesgo de muerte y las comparaciones con la radioterapia, sugieren que el entorno digital influye en los aspectos psicosociales, intensificando la incertidumbre y la ansiedad frente al tratamiento.

Conclusión: Ante estos hallazgos, se evidencian importantes lagunas en la alfabetización en salud, y la difusión de desinformación demanda estrategias educativas más contundentes. En este escenario, la enfermería asume un papel protagónico, siendo esencial en la implementación de intervenciones que promuevan la comprensión, la seguridad y la adherencia al tratamiento por parte del paciente oncológico.

Palabras clave: Quimioterapia; Desinformación en salud; Educación para la salud; Internet.

Referencias

1. Silva MJS, Lima FLT, Rodrigues AR. Prevenção e controle do câncer em tempos de capitalismo de vigilância: caminhos para o combate à desinformação. Rev Bras Cancerol. 2025;71(1). doi: 10.32635/2176-9745.RBC.2025v71n1.4829

2. Moretti FA, Oliveira VE, Silva EMK. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? Rev Assoc Med Bras. 2012;58(6):650–8. doi: 10.1590/S0104-42302012000600010

3. Ferraris G, Monzani D, Coppini V, Conti L, Pizzoli SFM, Grasso R, et al. Barriers to and facilitators of online health information-seeking behaviours among cancer patients: a systematic review. Digit Health. 2023;9:1–15. doi: 10.1177/20552076231210663

4. Huijgens F, Kwakman P, Hillen M, van Weert J, Jaspers M, Smets E, et al. How patients with cancer use the internet to search for health information: scenario-based think-aloud study. J Med Internet Res. 2025;27:e59625. doi: 10.2196/59625

Palavras-chave: quimioterapia; desinformação em saúde; educação em saúde; internet.